

# A cor da psicanálise – ensaio sobre a história da psicanálise no Brasil

Alessandra Kelling<sup>1</sup>  
Carolina Lucas Fuhrmeister<sup>2</sup>  
Jussara Neves Dariano<sup>3</sup>  
Mara N. Buchhorn Brum<sup>4</sup>  
Ana Elisa Rodrigues<sup>5</sup>  
Roseclér Machado Gabardo<sup>6</sup>  
Coordenadora: Eliane Nogueira<sup>7</sup>

**Resumo:** O presente trabalho aborda a história da psicanálise no Brasil, focando na figura de Juliano Moreira, um psiquiatra negro que foi o primeiro brasileiro a ter acesso aos escritos de Freud. O desenvolvimento da psiquiatria é abordado neste estudo, com destaque para a chegada de alguns psicanalistas ao Brasil, que iniciam um processo de formação e, posteriormente, a criação de sociedades psicanalíticas. O trabalho evolui depois para questionamentos do grupo sobre o esquecimento do nome de Juliano e sobre como alguns preconceitos foram se agregando ao fazer analítico em nosso país.

---

<sup>1</sup> Psicóloga clínica, especialista em psicoterapia cognitivo-comportamental (TCC), mestre em saúde coletiva.

<sup>2</sup> Psicóloga, CEO da Grou – Inovação para a Gestão de Pessoas, Membro Honorário e integrante do Conselho Consultivo do Instituto de Estudos Empresariais (IEE).

<sup>3</sup> Psicóloga e especialista em Psicanálise das Configurações Vinculares pelo Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade de Porto Alegre (ICPT). Bacharel em Ciências Sociais pela PUC/RS. Licenciada em Pedagogia pela PUC/RS. Mestre em Família e Sistemas Sociais pelo Instituto Miguel Torga/Portugal.

<sup>4</sup> Psicóloga. Membro do Instituto da SBPdePA. Docente do ITIPOA.

<sup>5</sup> Psicóloga. Formada em Psicoterapia Psicanalítica pelo Instituto W. Bion – Criança, Adolescente e Adulto. Especialista em Violência Doméstica contra Criança e Adolescentes pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

<sup>6</sup> Psicóloga, com especialização em Psicologia Hospitalar; Mestre em Saúde Coletiva pela Unisinos (São Leopoldo); Doutora em Bioética pela UnB (Brasília).

<sup>7</sup> Psicanalista membro associado da SBPdePA, ligada à IPA, atualmente coordena a Comissão UBUNTU, para acessibilidade de negros e negras à formação na SBPdePA.

**Palavras-chave:** Doença mental. Evolução da psicanálise. Formação. História. Preconceito. Psicanálise. Psiquiatria. Racismo.

Nota preliminar: cabe esclarecer que este trabalho foi pensado e realizado em 2001, por um grupo de estudos, reunido desde 1998, cujo tema de abordagem era a obra de Sigmund Freud. Por ocasião da exposição itinerante de Freud na cidade do Rio de Janeiro, o grupo se deslocou para lá com o único objetivo de se aproximar da obra de Freud, e acabou conhecendo a psicanalista Marialzira Perestrello (SBPRJ), que se tornou inspiradora do trabalho sobre a história da psicanálise no Brasil. O ano era 2000 e o grupo não imaginava os desdobramentos que viriam desse desafio. À época, o trabalho até despertou algum interesse mas também certo rechaço, pelo teor dos questionamentos, e por isso não foi adiante. Foi apresentado em duas instituições de estudos psicanalíticos, mas nunca publicado. Não havia disposição, à época, em debater abertamente sobre temas espinhosos como racismo e elitismo na psicanálise, além de aspectos históricos bastante polêmicos. Por coincidência, a coordenadora do presente trabalho atualmente trabalha com esses temas na SBPdePA, e a revista da Instituição está organizando um número sobre racismo, psicanálise e preconceitos, o que abriu a oportunidade de publicação de tal estudo, exatos 20 anos depois. Ao ser resgatado, vê-se a surpresa de sua atualidade.

## Introdução

Este trabalho surgiu de um, aparentemente, ingênuo impulso epistemofílico grupal. Queríamos conhecer um pouco da história da Psicanálise no Brasil, vamos que seria interessante saber mais sobre o que afinal compunha nossa escolha profissional.

No entanto, o trabalho sobre a história da Psicanálise no Brasil passou a ter uma história pessoal. Da mera fantasia de conhecer personagens históricos, fomos ao ato de vê-las pessoalmente, como no encontro que tivemos no Rio de Janeiro com a Dra. Marialzira Perestrello, à época com 85 anos, uma das fundadoras do Instituto de Psicanálise do Rio de Janeiro, marco da psicanálise no Brasil.

O corpo do trabalho se constitui, inicialmente, pelo primeiro movimento de instalação do saber de Freud, feito por Juliano Moreira. Passa por todas as vicissitudes de aceitação da teoria, numa época de pudores e repressão social, até a instauração das primeiras sociedades psicanalíticas no Brasil. A partir disso, pensa a influência das escolas estrangeiras na formação dos analistas brasileiros e a tentativa de configurar uma identidade psicanalítica nacional.

Buscamos questionar aspectos culturais e ideológicos no que tange ao racismo e à ética, por exemplo, para tentar enxergar, “sem daltonismos”, o matiz que hoje tingem a psicanálise em terras tropicais.

Em nossa visão, estamos apenas abrindo janelas. As portas se abrirão se assim o leitor quiser, e se este trabalho tiver respaldo junto àqueles que acreditam que psicanálise não é apenas um amontoado de teorias. É uma história, ela tem vida; ela quem sabe, tem cor.

## **Desenvolvimento**

### **A origem**

Toda a pesquisa realizada para este trabalho terminou abruptamente para que pudéssemos passá-la para o papel. Foi preciso maturidade para não se encantar com a história em si e não se perder em críticas desnecessárias.

Neste movimento, tentamos que este trabalho justifique seu título: seja colorido, ensaísta e histórico.

Interessante começar por alguém que é a cara do Brasil, tanto de sua época como da atual. Segundo Figueira (1994), Juliano Moreira, baiano, médico, neuropsiquiatra, é a primeira pessoa que se tem notícia a ter contato com a obra de Freud na América Latina, talvez por ter intimidade com a língua germânica e facilidade, portanto, de ler os escritos de Freud. Negro, de origem humilde, extremamente inteligente, curioso, ele ousou e levou suas leituras de cabeceira para a cátedra de medicina. Isso remonta o início do século XX, em 1899, antes mesmo da publicação histórica do livro “Interpretação dos sonhos”. O que conectou esse legítimo representante do povo brasileiro ao mais do que legítimo representante do povo judeu Sigmund Freud?

O caminho da psicanálise foi longo, e por vezes tortuoso, mas de início, com uma visão pioneira de homens como Juliano Moreira, que foi transformando o “degenerado”, o “louco”, o “alienado”, em um “doente comum”, com uma visão mais humanitária e social (Colônia Juliano Moreira, 1992).

A psicanálise ajudou e foi ajudada em movimentos artísticos, na evolução da ciência da mente, em revoluções sociais, no entendimento do ser humano. Todos, se possível, até mesmo os “normais” (vide interpretação dos sonhos), poderiam se beneficiar dela.

No entanto, convém lembrar que a história da Psicanálise do Brasil é estreitamente ligada com a história da psiquiatria, que a precede e acaba por dar a necessária sustentação para as polêmicas ideias de Freud, do início do século (Costa, 1989). Sendo assim, o conjunto de práticas sociais que envolviam

e envolvem o campo psiquiátrico na tentativa de dar conta da vida psíquica do indivíduo se mostra, desde a sua origem, como suporte do pensamento psicanalítico.

De que forma as ideias de Freud foram tratadas a fim de se abrir um campo próprio psicanalítico no Brasil? O suspense das respostas fará parte de nossos questionamentos no decorrer deste estudo. Iniciaremos resumidamente por contar fatos, datas e personagens importantes na instituição da psicanálise no Brasil.

Em vez de aceitarem a fuga pelas ruas à possibilidade de um encarceramento em celas de hospitais gerais, em vez de aceitarem celas insalubres dos hospitais gerais e dos castigos corporais, um grupo de médicos psiquiatras advogou, na segunda metade do século XIX, a necessidade de um asilo higiênico e arejado onde os doentes mentais – “loucos”, pudessem ser tratados condignamente, o que pressupõe uma versão médica sobre estes (Costa, 1989). Médicos higienistas, na sua maioria, lutam por medidas de higiene pública: “hospício” para os alienados.

De 1841, com o decreto de fundação do primeiro hospital psiquiátrico brasileiro, “o Hospício D. Pedro II”, sob direção confiada a religiosos, a 1902, com a nomeação de Juliano Moreira como diretor do novo Hospital Nacional, não só a assistência ao doente mental ganha novo rumo como a psiquiatria, neurologia e as ciências afins ganham novo ímpeto (Colônia Juliano Moreira, 1992).

Se até o aparecimento de Juliano Moreira, a psiquiatria brasileira se limitava a reproduzir o discurso teórico da psiquiatria francesa, com ele a psiquiatria tentou fugir desse atraso histórico. Isso ocorreu porque a prática do leigo religioso brasileiro se mostrou insuficiente (Costa, 1989). A partir de então, a psiquiatria, agora como especialidade médica, autônoma, firmava-se com dedicação à reforma da assistência psiquiátrica. Os psiquiatras que faziam parte desse movimento procuravam, sob a orientação de Riedel (presidente e criador da LBHM), aperfeiçoar a assistência aos doentes mentais (Costa, 1989).

A coerência no trato psiquiátrico com o doente era o que pretendia Juliano Moreira e seus discípulos. No entanto, os preconceitos culturais da época constituíam entraves ao processo.

A dificuldade de delimitar o campo próprio à psiquiatria se devia à tendência em associar indevidamente os problemas psiquiátricos aos problemas culturais em geral, buscando a causalidade biológica. Isso viria a justificar a intervenção médica em todos os níveis da sociedade. À medida que entravam à força na causalidade biológica, se distanciavam da coerência, objetivada para a própria prática psiquiátrica.

A partir de 1926, conforme Jurandir Freire Costa (1989), novos projetos foram sendo paralelamente elaborados por psiquiatras que visaram a prevenção à eugenia e a educação do indivíduo. Essas propostas eram na época concebidas como atividades que os psiquiatras exerciam no interior dos estabelecimentos, sem, contudo, considerar a prevenção da saúde mental como uma extensão dos cuidados psiquiátricos às pessoas normais. Essa orientação só vem a mudar diante da inutilidade de assistir o doente sem que lhe seja ensinado a adquirir e preservar sua saúde mental, o que deveria ser feito a priori à patologia instalada.

A prevenção psiquiátrica passa, portanto, a se tornar similar à medicina orgânica. Segundo Costa (1989), os psiquiatras, seguindo nova concepção de prevenção, expandem-se na atuação além dos domínios da psiquiatria. Invadem o terreno social de anseios culturais como a eugenia e o racismo.

Trazida pelos intelectuais e incorporada posteriormente pelos médicos, a eugenia trazia a ideia esculpida de um protótipo brasileiro: pobre, psicótico e negro, reforçando uma visão biologizante de inferioridade entre indivíduos quer por sua cor, quer por sua posição social.

A eugenia, portanto, foi um instrumento de que os psiquiatras se serviram para participar da renovação cultural da sociedade brasileira, sem deixarem de ser psiquiatras. Aqueles psiquiatras que se envolviam no crescente encarceramento de doentes mentais nos hospícios eram os mesmos que alardeavam novas técnicas de tratá-los e que tanto encantavam a sociedade alienada da época (Vianna, 1994). Mas de que forma essa atmosfera saturada de conotações ideológicas se refletirá na prática psicanalítica que buscamos compreender? Em 1914, no Rio de Janeiro, Juliano Moreira forma um grupo de estudos de autodidatas (visto que não existia, na época, psicanalistas formados ou formadores no Brasil), interessados em “mergulhar” nas teorias freudianas e divulgá-las. Para isso o psiquiatra faz uma comunicação sobre o método de Freud na Sociedade Brasileira de Neurologia (Figueira, 1994).

Nesse mesmo ano, o médico cearense Genserico de Souza Pinto, já em contato com as teorias psicanalíticas, formula sua tese de doutorando: “Psicanálise e a sexualidade nas neuroses”, apresentando, então, o primeiro trabalho psicanalítico em língua portuguesa (Roudinesco & Plon, 1998).

No ano de 1918, o pernambucano Porto Carrero, tendo conhecimento das teorias psicanalíticas, porém com dificuldade para entendê-las, procura Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. A partir desse contato, com as explicações de Juliano Moreira, passa a ter outra visão da teoria e “*encanta-se*” com a psicanálise (Perestrello, 1987).

Em São Paulo, no ano seguinte, Franco da Rocha aproveita a sua cátedra de psiquiatria para divulgar as teorias freudianas. Como repercussão disso, um

aluno recém-egresso na universidade, no curso de medicina, Durval Marcondes, procura o mestre para aprender com ele. Esse jovem estudante atentou-se para o fato de que as investigações freudianas traziam ideias revolucionárias. Parecia haver um bem-intencionado movimento para que as propostas do mestre vienense fizessem repensar todo um conceito de saúde mental. Esses pioneiros estavam realmente dispostos a implantar um novo método de tratamento de afecções psíquicas, cujas consequências na arte, na literatura e na cultura se mostraram inequívocas com o passar do tempo (Roudinesco & Plon, 1998).

A produção literária específica à psicanálise toma corpo com o lançamento do livro *Pansexualismo na Doutrina de Freud*, no ano de 1920, em São Paulo, escrito por Franco da Rocha. A face revolucionária anteriormente descrita aparece claramente na reação popular ao tema da sexualidade (reação que o próprio Freud já experimentara com o lançamento dos *Três ensaios para uma teoria sexual*, em 1905). Em função disso, a segunda edição já vem com o título alterado: “Doutrina de Freud” (Figueira, 1994).

Jurandir F. Costa (1989) indaga sobre a incoerência de um homem (Franco da Rocha), cuja contribuição ao pensar psicanalítico foi tão importante, com sua postura subserviente à classe política da época. Nesse contexto, rende-se ao que se vai entender como a origem do conflito neurótico: a força da repressão para manter o segredo do desejo escondido.

As artes brasileiras parecem finalmente curvar-se à inexorável descoberta do inconsciente, na famosa Semana da Arte Moderna, em 1922. Da mesma forma, a própria ciência psicanalítica se vale da expressão simbólica das artes. A contribuição de 1922, para Afrânio Coutinho, não se limita à esfera literária e artística, envolve toda a cultura, mentalidade, formas de vida e atividade intelectual brasileira (Figueira, 1994).

A psicanálise é influenciada por vanguardas europeias (surrealismo e expressionismo) e por ideias “vanguardistas” do modernismo brasileiro. Intelectuais e psiquiatras são sensibilizados e tornam-se aptos a receber e escutar as ideias psicanalíticas (Roudinesco & Plon, 1998).

Em outra esfera geográfica, no Sul do Brasil, aparece outro pioneiro trabalho em psicanálise: o gaúcho João César de Castro, em 1924, apresentou tese de doutorado em medicina com o título *Concepção Freudiana das Psiconeuroses*, aprovada com distinção (Roudinesco & Plon, 1998).

Nesse mesmo ano, Porto Carrero lança seu primeiro trabalho com visão analítica, no Rio de Janeiro. Esse personagem foi muito especial na expansão dos conceitos psicanalíticos, usando de seus estudos para influir em outras áreas, como o sistema jurídico. Ele tinha a ambição de criar um novo Código Penal. Talvez em função dessa impossibilidade, sua produção literária foi muito

fértil. Dedicou um de seus livros ao pioneiro, sábio, mestre e amigo Juliano Moreira, cuja expressão verbal e seu jeito coloquial auxiliaram em muito a escuta leiga da Psicanálise. Vem também com Porto Carrero o questionamento da necessidade de análise para pessoas como juízes e, a certa altura, a si próprio (Perestrello, 1987).

Na cidade de São Paulo, em 1925, o médico Durval Marcondes, influenciado pelo professor Franco da Rocha e pelas leituras de Freud (que nesta época já tinha plena aceitação da comunidade científica internacional), introduz o tratamento psicanalítico na prática clínica (Figueira, 1994). No ano seguinte, escreve seu primeiro artigo: *Simbolismo estético na literatura: ensaio de uma orientação para crítica literária baseado nos conhecimentos fornecidos pela Psicanálise*. Foi prefaciado por Franco da Rocha e recebeu elogios de Freud em correspondência pessoal. Segue escrevendo e publicando importantes obras, que abriram um caminho novo para a crítica literária brasileira, segundo a psicanalista Virgínia Bicudo (2000).

Gastão Pereira da Silva, médico, jornalista e escritor, interessa-se pela psicanálise em 1926 e, a partir daí, face às suas diversas atividades profissionais, torna-se um dos maiores divulgadores da doutrina psicanalítica em sua época. Além disso, queria popularizar a psicanálise, e por meios pouco convencionais para os já estabelecidos padrões éticos psicanalíticos, através de consultas radiofônicas e interpretações de sonhos por correspondência (Costa, 1989).

Com tantos adeptos e com uma já farta literatura psicanalítica, mostrou-se necessário fundar uma Instituição. Objetivava-se abrigar o estudo e a divulgação das ideias freudianas, bem como o seu reconhecimento internacional da comunidade psicanalítica brasileira. Portanto, no ano de 1927, em São Paulo, as eminentes figuras de Franco da Rocha e Durval Marcondes fundam a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP), que congrega 24 membros entre médicos e não-médicos. Foi também a primeira Sociedade desse porte na América do Sul (Roudinesco & Plon, 1998).

Com a ideia de expandir conhecimentos e aumentar o número de discípulos do pensamento de Freud na bagagem, Marcondes embarca para o Rio de Janeiro. Levava a tarefa de inaugurar a filial da Sociedade Brasileira de Psicanálise. O presidente era o também eminente Juliano Moreira, secretariado por Porto Carrero. Essas sociedades ainda não tinham o objetivo da formação analítica de seus membros (Perestrello, 1987).

Em Porto Alegre, em 1928, forma-se um grupo de estudos com Cyro Martins, Mário Martins e Lino de Mello e Silva, para estudar as obras de Freud (Outeiral & Thomaz, 1995). Ainda nesse ano, é editada a primeira Revista Brasileira de Psicanálise, que recebe grandes elogios do mestre Freud, que se deu ao trabalho de tentar traduzi-la por meio de um dicionário português-alemão.

Continua artigos de Franco da Rocha, Durval Marcondes e Porto Carrero. Sua importância reside em ser um rápido e disseminado meio de divulgação a todas as pessoas que quisessem qualquer tipo de acesso e informação sobre Psicanálise (Perestrello, 1995).

Com os crescentes progressos do eminente grupo que direcionava os rumos do saber analítico no Brasil, a International Psychoanalysis Association (IPA), acaba por reconhecer provisoriamente as Sociedades Brasileiras como oficiais, em 1929 (Roudinesco & Plon, 1998). Isso incentiva a produção científica e figuras como Durval Marcondes se estimulam a dar cursos de psicanálise para médicos e, posteriormente, outros cursos dirigidos ao público leigo.

Em 1930, o mesmo Marcondes se empenha para trazer mais membros às Sociedades, buscando incorporar algum elemento didata que iniciasse a formação de novos analistas, o que já acontecia na Europa. Cabe aqui uma reflexão muito importante sobre o momento pelo qual passaria a psicanálise brasileira: Juliano, Marcondes e Franco da Rocha, entre outros, começaram a ter dificuldades na divulgação das ideias consideradas liberalizantes de Freud, em função da expansão do fascismo no mundo, representado no Brasil por Getúlio Vargas (Roudinesco & Plon, 1998).

Enquanto isso, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Argentina chegavam os psicanalistas exilados europeus fugindo do nazismo. O Brasil não seria uma boa escolha já que o contexto era fascista (Roudinesco & Plon, 1998).

Na segunda metade do século, quando se desenvolve no Rio de Janeiro, a psicanálise se torna a nova psicologia das classes médias brancas formadas na universidade. Toma o lugar da sociologia comtiana (Perestrello, 1987).

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Marcondes consegue trazer Adelheid Koch, em 1936, que havia feito análise pelo Berliner Psy. Inst. (BPI), para iniciar os brasileiros na análise didática. Isso faz com que o movimento psicanalítico, integrado à IPA (aceitando as regras e normas), também se enquadre à ação do contexto político-social brasileiro que vivia sob a égide de um modelo federalista (Getúlio afastado e a democracia restabelecida).

Vale considerar o importante papel dos trabalhos de psicossomática dos argentinos por ocasião do Primeiro Congresso Latino-Americano de médicos no Rio de Janeiro, que confirmava, pela parceria Brasil-Argentina, a potência que se formava, ao mesmo tempo que iniciava a influência clínica da escola argentina às filiações brasileiras a partir de então (Perestrello, 1987).

A partir das décadas de 30, 40 e 50, efetiva-se a institucionalização da psicanálise no Brasil com a criação de novas sociedades. Entre elas, em 1947, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, fundada por Mário Martins (Outeiral & Thomaz, 1995).

Antes disso, um importante médico e escritor, Artur Ramos, em 1932, interessa-se pelo tema e passa a escrever artigos como *O movimento Psicanalítico* e, a convite de Anísio Teixeira, imprime um cunho psicanalítico ao Instituto de Pesquisas Educacionais. Correspondia-se com Freud e era internacionalmente conhecido. A psicanálise exercida por Ramos aparece como uma tentativa de elaborar uma psicologia humana a partir de uma observação minuciosa da criança e da raça. Ele vê no negro brasileiro o problema social, o histórico, o antropológico, o etnológico, o econômico e o político. Estudava os cultos afro-brasileiros como fonte de entendimento do psiquismo brasileiro (Figueira, 1994). Traz grandes contribuições às evoluções da psiquiatria e da psicanálise por uma visão original e antropológica, principalmente relacionada à raça negra brasileira.

Em 1936, a socióloga negra Virgínia Bicudo torna-se a primeira mulher na América Latina a fazer análise com Adelheid Koch, que, como mencionado anteriormente, veio para o Brasil no início dos anos 30, com a tarefa específica de formar analistas, tornando-se a primeira analista didata do Brasil, trazida por Marcondes, a quem também analisou.

Virgínia era filha de Teófilo Bicudo, um negro paulista, rejeitado pela faculdade de medicina de São Paulo em função da sua cor e que acabou por tornar-se um funcionário público, que lidava com vestibulares, tendo como aluno Fernando Henrique Cardoso. Essa situação absurda vivida por seu pai marca sua obstinação em estudar e explicar fenômenos sociais, posteriormente explicados por ela, à luz e à “cor” da psicanálise (Roudinesco & Plon, 1998). Virgínia passa, após uma viagem a Londres e aos estudos com Melanie Klein e Bion, a se interessar por crianças, sendo a primeira psicanalista brasileira a trabalhar sobre esse tema (Outeiral & Thomaz, 1995).

Frank Philips, após o precedente aberto por Virgínia Bicudo como analista não-médica, ingressa na SBP e é também analisado por Koch. Vai igualmente para Londres, sofre a influência do kleinismo e traz ao Brasil Wilfred Bion, cuja teoria neo-kleiniana impregna definitivamente o saber analítico dos paulistas (Roudinesco & Plon, 1998).

Em 1944, é dissolvida a SBP e criada uma sociedade paulista denominada de Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. No ano seguinte, ela é reconhecida pela IPA.

Realiza-se no Rio de Janeiro, em 1946, o Primeiro Congresso Interamericano de Médicos, em que os psicanalistas brasileiros e argentinos se encontram formalmente pela primeira vez. Inicialmente, tratou-se de um ciclo de colaboração e influência, principalmente da escola argentina em relação ao Brasil (Perestrello, 1987).

Em Porto Alegre, Mário Martins e sua mulher Zaira Bittencourt (que trouxe a técnica terapêutica infantil de Arminda Aberastury da Argentina) ajudam a fundar a primeira sociedade psicanalítica do Sul do país, reconhecida pela IPA. David Zimmermann e Cyro Martins foram grandes expoentes desta, que passou a se chamar Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Roudinesco & Plon, 1998). Diferentemente das escolas paulista e carioca, não era aberta a não-médicos, fato que perdurou até o final dos anos 80. Por que houve este tipo de discriminação no Sul, se a influência tanto da escola paulista como da Argentina, ativas na formação dos gaúchos, não pregava ideias desse porte? Se Freud, o grande idealizador, já pensava na análise leiga (para não-médicos), o que levava pessoas a fechar espaços que, a muito custo, estavam sendo abertos, como a divulgação da psicanálise em todos os meios?

Cabe lembrar que os aspirantes a psicanalistas que não conseguiam abrigo na formação da IPA começaram a se organizar, em 1933, no Instituto Sedes Sapientiae, criado por membros da Igreja Católica e que promovia cursos de formação teórica e clínica. Com o tempo, principalmente nos anos 70, reuniram-se com dissidentes da SBPSP e independentes, organizando um outro grupo e fundando o Instituto de Formação Analítica. Esse instituto foi grande disseminador das práticas psicoterápicas no Brasil (Vianna, 1994).

Em 1953, no Rio de Janeiro, um grupo de estudos constituído por Werner Kemper e dez de seus analisandos foi reconhecido provisoriamente pela IPA. No Congresso Internacional de Genebra, o grupo é reconhecido como Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, ainda sob o comando de Kemper. Logo após, em 1957, a IPA também reconhece um segundo grupo de Estudos em São Paulo, composto por analistas da Associação Psicanalítica Argentina, Inglesa e Paulista, sendo que alguns são ex-analisandos de Mark Burke, um psicanalista inglês radicado no Brasil. Burke torna-se notório dissidente de Kemper e seus colegas do Rio de Janeiro ao contestar a procedência e a ideologia deste psicanalista alemão, que teria sido colaborador de Göring, comparsa de Adolf Hitler e mandatário de Ernest Jones para a implantação da Psicanálise no Brasil, segundo denunciavam seus dissidentes (Roudinesco & Plon, 1998).

Os partidários de Burke, após sucessivos e violentos confrontos, associaram-se a colegas formados na Argentina para criar outro grupo de psicanalistas, que vieram a fundar, em 1959, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Entre os 15 fundadores, estavam figuras importantes como Alcyon Bahia, Danilo e Marialzira Perestrello, Márcio Pacheco de Almeida Prado (Perestrello, 1987).

Coincidência ou não, no Sul, muitos anos depois, conforme já havia sido dito anteriormente, o fechamento quase ideológico e sectário da SPPA para

não-médicos, acaba por repetir, em parte, o fenômeno de cisão ocorrido nos anos 50 no Rio de Janeiro. Igualmente, um grupo com formação na Argentina e dissidentes na SPPA formam um novo grupo de estudos, que viria a ser, posteriormente, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Em 1960, é criada a Confederação Psicanalítica da América Latina (COPAL, futura FEPAL – Federação Psicanalítica da América Latina) e, em 1967, recria-se a Associação Brasileira de Psicanálise, congregando todas as Sociedades Psicanalíticas do Brasil. No mesmo ano, Virgínia Bicudo organiza e dirige o Instituto de Formação de Candidatos em São Paulo. Ela ainda vai criar em 1976, um curso de Formação de Analistas de Crianças (Roudinesco & Plon, 1998).

Roudinesco e Plon (1998) ainda comentam que, a partir de 1964, depois de governos democratas, após a queda de Vargas, o Brasil retoma a ditadura militar e com ela todos os meios de repressão disponíveis para calar a livre expressão. Movimentos sociais, artísticos e científicos foram obrigados a diminuir seu tom (retórico) e a alinhar-se com o regime, ou seriam desmantelados. Tanto no Brasil, como na Argentina, a ditadura e o terror militar causaram imensos estragos. Em ambos os casos, a IPA parecia indicar sistematicamente que seus membros seguissem seu trabalho da forma mais “neutra” possível, se possível sem entrar na esfera política.

Os psicanalistas só tocavam em assuntos eminentemente técnicos no que se referia à repressão, luto, separação quando se dirigiam ao inconsciente de seus pacientes. Havia um consenso voluntário e a censura autoimpingida marcou um silêncio constrangedor quando casos como o de Amilcar Lobo e Décio Soares vieram à tona (Vianna, 1994).

Em agosto de 1973, o jornal clandestino *Voz Operária*, sob o título *Identificados alguns torturadores na Guanabara*, denuncia o tenente e médico Amilcar Lobo Moreira como componente de equipe de torturas do Exército. Algumas vozes se levantam em revolta, não exatamente com o fato de haver colegas envolvidos, mas com o perigo que passa a ameaçar a imagem da psicanálise no Brasil (Roudinesco & Plon, 1998).

Entre conviver com o sigilo do fato e a denúncia moralizante, Helena Bresserman Vianna (1994) se pronuncia na tentativa de manter firme os propósitos éticos da doutrina herdada de Freud. Repudiada por muitos e com poucos solidários, Helena, na sua atitude contestadora, promove mais do que um constrangimento de fatos, mas uma discussão política, social e ideológica. Discussão que hoje se reflete em um pensar mais crítico a respeito do que esteve e está atrás dos atos e fatos ocorridos.

Não faltou quem a interpelasse, deixando sobre seu nome uma nuvem de dúvida e indignação. Até mesmo a própria Sociedade de Psicanálise, a qual

pleiteava um cargo de membro efetivo, recusou-se a acolhê-la, pelo contrário, exigiu sua retratação sob pena de não a aceitar em seu meio (Vianna, 1994). Esse episódio foi um fato triste na história da psicanálise, como outros, esquecidos no tempo. Ele não obstaculiza os avanços e a grandeza da psicanálise no Brasil, mas pode ficar como uma mancha na sua história.

A partir dos anos 80, os psicanalistas brasileiros passam a ter maior expressão literária, a ter mais participação nos congressos internacionais, mas ainda não surge nenhuma figura eminente, como Etchegoyen (na Argentina), André Green (na França), Otto Kernberg (USA), que marque geograficamente o Brasil no mapa da IPA e do movimento psicanalítico mundial (Outeiral & Thomaz, 1995).

Em todo o Brasil, disseminam-se cursos alternativos de formação psicanalítica, enquanto os cursos oficiais de formação começam, pela primeira vez, a ter menos candidatos do que as escolas alternativas. Em vários institutos de formação da IPA no mundo faltam candidatos. No México, ocorreu o fenômeno de não haver candidatos por oito anos. Instala-se uma salutar crise, que obriga todos os psicanalistas a repensar os objetivos da psicanálise enquanto ciência. E, no Brasil, isso é um motivo mais do que bem-vindo de se pensar sobre a verdadeira identidade psicanalítica brasileira.

### **A influência das escolas na identidade psicanalítica nacional**

A partir da vinda de Adelheid Koch para o Brasil e conseqüente início de seu trabalho didático, as garantias exigidas ao movimento psicanalítico brasileiro pela IPA começaram a se apresentar. Era um processo de organização da identidade brasileira que, como vimos, já se delinearara, mas que agora se readequava a regras formais.

Paulatinamente, à cor primária do pensar psicanalítico se agregavam influências culturais, cada qual com seu tom. Ao verde e amarelo se mesclavam, fortalecendo cada vez mais a ideia corajosa de se ter no Brasil, escolas representativas de psicanálise.

A corrente de influência da escola argentina sobre as filiações brasileiras iniciase, primeiramente, a propósito de seus trabalhos de psicossomática no congresso internacional no Rio de Janeiro (Perestrello, 1987). No entanto, sua influência ia mais além. País pequeno e de pensamento europeu, a Argentina servira de porto seguro a teorias europeias de toda ordem, tendo o grande mérito de construir a partir delas sua própria teoria, o seu próprio saber psicanalítico.

De acordo com Sérvulo Augusto Figueira (1994), é importante abrir espaço para algumas reflexões que possam contribuir para a compreensão e o

entendimento de nossa identidade. A psicanálise nacional surgiu a partir de discípulos diretos de Freud e/ou de analistas particularmente criativos, e traz a marca de valores e perspectivas de culturas locais que a enriquecem, expandem e aprofundam. Com isso, e através de estudos de pesquisadores, é permitido ver que, por trás da variação entre autores, e mesmo de escolas num determinado país, é possível perceber, em um nível de abstração mais alto, a identidade de uma psicanálise nacional. Um exemplo disso é a psicanálise britânica, que traz no seu cerne a marca de valores britânicos típicos e historicamente muito fortes, como o empirismo, a privacidade e a valorização da infância como chave da vida adulta.

Entre a dissolução, em 1944, como SBP, e o reconhecimento pela IPA como SBPSP em 1951, novos intercâmbios aconteceram. Analistas paulistas, como Virgínia Bicudo e Frank Philips, dirigiam-se a Londres para receber formação na British Psychoanalytical Society (BPS) e, em contrapartida, abasteciam-se das teorias kleinianas.

Segundo Sérvulo (1994), a psicanálise deu um salto qualitativo com a presença de novas influências teóricas e enriqueceu-se para avançar como uma nova modalidade terapêutica no cenário nacional.

. . . Talvez tenha chegado a hora, segundo Sérvulo, de olharmos mais diretamente e com menos medo para a psicanálise que nós brasileiros efetivamente praticamos e pensamos. É bem possível que só assim poderemos perceber nossas dificuldades e fraquezas para realmente corrigi-las, mas é também só assim que poderemos perceber e valorizar nossos talentos reais, possivelmente dotados de alguma originalidade. (Figueira, 1994, p. 70).

E acrescenta ainda que:

. . . uma vez que sabemos certamente estar fora do grupo das psicanálises internacionais poderosas, e porque temos superego e ideal de ego psicanalíticos importados ainda principalmente da Inglaterra, teremos persecutoriamente o contato real com o que fazemos, pensamos e somos, preocupados com a crítica e, naturalmente, com o risco de feridas narcísicas. (Figueira, 1994, p. 71)

Tratando-se da psicanálise e de suas particularidades culturais, verifica-se que pensar nessa questão de identidade tornou-se difícil pelo fato de que Freud sempre insistiu na validade universal do conhecimento analítico e militou para que ela não ficasse identificada com qualquer grupo em particular. Com isso, a questão das particularidades culturais da psicanálise ficou fora do pensável analítico (Gay, 1992).

No entanto, concorda-se que a psicanálise pode e deve ser postulada como uma ciência universal. Freud nos deixou um raciocínio incompleto que soterrou uma questão importante: por que um saber universal teve destinos tão diferentes em países diferentes? Por que, por exemplo, a psicanálise se tornou tão popular no Brasil, onde não pisou nenhum herdeiro direto de Freud, e acabou tão pouco aceita na Inglaterra, onde tanto se produziu de importante e onde o próprio Freud acabou morando? Será que se pode entender isso sem examinar as relações entre psicanálise e contexto cultural?

A partir disso, é importante ressaltar que são muitas as condições culturais específicas do Brasil que acabam pressionando qualquer importação psicanalítica no sentido de sofrer adaptações que a permitia funcionar melhor. Como é perfeitamente visível e frequentemente divulgado pelos meios de comunicação, sabemos que no nosso país não é possível falar de um superego bem estruturado, interiorizado e sistemático, como ocorre no hemisfério norte num sentido geral.

Existe um número enorme de indicações que apontam para o fraco e o assistemático funcionamento cultural no Brasil, com um superego que para ser eficaz tem que estar concretamente presente, encarnado na forma de autoridade: dos inúmeros casos de corrupção, peculato e nepotismo, em todos os níveis da nossa sociedade, ao malandro como ideal.

Então, uma técnica como a psicanálise, criada para funcionar, por exemplo, com pacientes altamente interiorizados, disciplinados, mentais, autônomos e verbais como são os ingleses, dificilmente poderá funcionar sempre bem com uma população como a nossa, cuja subjetividade está organizada em torno de outros princípios (Figueira, 1994).

Ao refletir sobre o aqui exposto, não estaria na hora de examinarmos com seriedade qual a diferença que faz para o funcionamento da psicanálise, o fato de que somos brasileiros, e não ingleses, franceses, norte americanos etc.?

Não consideramos ter esgotado de forma alguma um conteúdo tão rico como esse.

Propomo-nos ainda, sem nenhuma pretensão, levantar alguns questionamentos, e quem sabe plantar uma semente de curiosidade para futuras explorações do tema naqueles que, como nós, encantam-se com a psicanálise.

Freud, como não poderia deixar de ser, ajuda-nos a iniciar nossas reflexões quando, com propriedade, fala na cientificidade da psicanálise, que não distingue cor, raça ou etnia. Cremos que essa seja premissa básica, que nos dá o norte para o uso do conhecimento teórico que nos legou.

No entanto, ao percebermos o desenrolar dos acontecimentos no processo histórico psicanalítico brasileiro, e vermos como chavão nesse meio científico

“Psicanálise: ciência branca por excelência”, surgem-nos indagações. Recorremos à Juliano Moreira, como figura primeira e representativa, que com audácia e coragem veiculou entre nós, de forma mais pura, a teoria freudiana. Sua origem em comum com o mestre oportunizou uma captação com tons fidedignos, favorecendo o surgimento de bases sólidas aos futuros discípulos da psicanálise.

Inquieta-nos entender até que ponto seus intentos, íntegros por natureza, como nos referimos, mantiveram-se fiéis num contexto brasileiro conturbado como o Brasil. Qual o rumo da teoria freudiana ante as adversidades de um regime repressor? Os desvios, na propagação, se houveram, privilegiavam a quem?

Se olharmos para a nossa trajetória, podemos perceber que, consciente ou inconscientemente, deixamo-nos influenciar por um contexto ao qual pertencíamos. Fugir dessas contingências seria praticamente impossível. A grande questão é: perdeu-se algo da teoria psicanalítica quando esta se deixou levar na mescla cultural? Expomos ao perigo suas bases teóricas? O que se perdeu? O que se ganhou? Em que medida o saber psicanalítico brasileiro se serviu de uma questão ideológica em benefício de sua questão científica?

Quando pensamos na história da psicanálise no Brasil, ao mesmo tempo em que vemos uma tentativa de se tornar popular, deparamo-nos com a resistência e o medo de perdermos o controle sobre o próprio saber. Até que ponto nos fez falta a visão freudiana mais pura de poder antever e nos preparar para rumos como esses? Precisamos nos servir ou compactuar com interesses de uma classe ou de uma cor para ser fiel a nossos propósitos?

Outro ponto que poderia ser abordado nos reporta à influência argentina e a outras influências estrangeiras na psicanálise brasileira. Guardadas as diferenças culturais, é de se pensar de que forma e até que ponto nos deixamos invadir por identidades fortes e criativas sem nos descaracterizarmos na teoria e na prática que professamos? Qual seria realmente a relação de nossa psicanálise, enquanto brasileiros (utilizando a citação de Sérulo), com outros modelos internacionais? Servimo-nos ou nos deixamos servir?

### **Considerações finais**

Formal ou informalmente, existem hoje no Brasil centenas de instituições psicanalíticas, tanto de estudo e pesquisa quanto de formação.

A psicanálise proliferou no Brasil nas duas últimas décadas, ao contrário do resto do mundo. Atualmente, fala-se e se pratica mais a chamada psicoterapia psicanalítica do que a análise propriamente dita. As contestações à análise são muitas: tempo de tratamento longo demais, pouca disponibilidade de horários

dos pacientes para ir a tantas sessões e a propalada crise financeira. Pouca gente aceita, sem um tom de crítica, os valores cobrados pelos analistas, algo como: uma semana de análise vale o salário do mês de um operário. Esse pensamento é um desnível social que cria um abismo intransponível e mitifica a psicanálise como algo inacessível à maioria das pessoas.

Somos ainda um povo de terceiro mundo, economicamente abaixo dos padrões dos países europeus e da América do Norte, alguns da Ásia e do continente Australiano. Somos subdesenvolvidos cultural e economicamente, mas somos um país potencialmente “rico”.

Aí parece-nos que entra a atual contradição da psicanálise no Brasil e que já fizemos algumas considerações anteriores. A cultura original brasileira (indígena e africana) é vastíssima e, com certeza, pouco entendida e aproveitada na literatura psicanalítica nacional. Nem sequer dá uma identidade a ela. Nossa identidade ainda é europeia, americana, argentina.

Toda a riqueza mística, racial que, de forma inteligente e interessante, foi levantada por Juliano Moreira não está devidamente explorada em nosso cenário psicanalítico nacional. Talvez seja essa a postura da psicanálise brasileira que lhe remeta aos perigosos caminhos que em outros lugares do mundo a psicanálise já está percorrendo.

Não sem sentido, terapias alternativas estão avançando a passos largos e tomando espaços que antes pertenciam à psiquiatria, psicologia e psicanálise. Falta um Juliano Moreira hoje. Falta alguém de “cor”. A maioria dos autores brasileiros ainda representam e se nomeiam como seguidores de Freud, Klein, Bion etc. A representatividade tupiniquim ainda é incipiente.

Mas os espaços estão abertos e a forma democrática como estamos podendo apresentar nossas ideias é uma esperança de que, de fato, algo mude. Nada nos tem impedido realmente. Então, o que há conosco? Somos só um povo passivo, colonizado, cuja herança é submeter-se e servir? Os psicanalistas brasileiros devem simplesmente servir à IPA? Não há uma realidade nacional típica a ser revista? A psicanálise tem que ser exercida de forma igualitária em todos os países do mundo? Se somos uma tribo, a partir dos conceitos universalizantes, de Freud, por que existem fronteiras?

Perguntas... As respostas? Não as temos, queremos não ter para poder buscá-las. Essa talvez seja uma das melhores tarefas deste início de século: buscar respostas e fazer novas perguntas. Assim o Freud de Viena começou. Aqui alguém há de continuar o nosso Juliano Moreira. O negro.

## **The color of psychoanalysis – essay about the history of psychoanalysis in Brazil**

**Abstract:** The present work approaches the History of psychoanalysis in Brazil, focusing on the figure of Juliano Moreira, a black psychiatrist who was the first Brazilian to have access to Freud's writings. The entire development of psychiatry is approached until some psychoanalysts are brought to Brazil and begin the formation process and later on the creation of psychoanalytic societies. The work then evolves to the group's questions about the oblivion of Juliano's name and how some prejudices aggregated to the analytical process in our country.

**Keywords:** Evolution of psychoanalysis. Formation. History. Mental illness. Prejudice. Psychiatry. Psychoanalysis. Racism.

### **Referências**

Bicudo, V. (dezembro de 2000). *ABP Notícias*, 3(2).

Colônia Juliano Moreira (outubro-dezembro de 1992). *Informativo Gente Nossa*, 4.

Costa, J. F. (1989). *História da psiquiatria no Brasil* (4a ed.). Rio de Janeiro: Xenon Editora.

Costa, J. F. (1989). *Psicanálise e contexto cultural*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Campus.

Figueira, S. A. (1994). *Freud e a difusão da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Gay, P. (1992). *Um Judeu sem Deus*. Rio de Janeiro: Imago.

Outeiral, J. O., & Thomaz, T. O. (Orgs). (1995). *Psicanálise Brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Perestrello, M. (Org.). (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago.

Perestrello, M. (1995). Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(3), 667-674.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Vianna, H. B. (1994). *Não conte a ninguém...* Rio de Janeiro: Imago.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 06/04/2021

Aceito em: 06/04/2021

Eliane Grass Ferreira Nogueira  
Rua 24 de Outubro, 1681 / 406  
90510-001 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: elianenogueira@terra.com.br